



SEXISMO NAS AULAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE A PARTIR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ÁREA¹

Myllena Camargo de Oliveira²
Márcia Morschbacher³

RESUMO

Objetivamos reconhecer tendências da produção científica disponível em quatro periódicos da Educação Física sobre os temas do sexismo e das relações de gênero em aulas de Educação Física. Encontramos 92 artigos, dos quais selecionamos 10, analisados mediante a técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontam para o aumento na produção científica sobre o tema e no reconhecimento do problema do sexismo nas aulas de EF. Todavia poucos artigos apresentam proposições para mudanças concretas.

PALAVRAS-CHAVE: educação física escolar; sexismo; coeducação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a produção científica da Educação Física (EF) disponível em quatro periódicos da EF com o objetivo de reconhecer tendências desta produção sobre os temas do sexismo e das relações de gênero em aulas de EF.

Buscamos artigos em 4 periódicos científicos da EF: Movimento, Pensar a Prática, Motrivivência e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Utilizamos os descritores gênero e EF escolar; gênero e turmas mistas e; gênero, turmas mistas e EF escolar. Encontramos 92 itens e, após leitura dos resumos, selecionamos 16 artigos. Com a leitura do texto completo, desconsideramos 6 por não analisarem o sexismo em aulas de EF. Empregamos a técnica de análise de conteúdo (GOMES, 2011) para analisar os 10 artigos selecionados considerando as categorias sexismo e gênero, sexismo nas aulas de EF e proposições.

Utilizamos como parâmetros teórico-metodológicos para esta pesquisa: a) o reconhecimento do papel da escola no trato com os conhecimentos sistematizados; b) a EF como uma disciplina do currículo, responsável pelo ensino das ginástica, jogos, esportes, dança, e lutas, incorporando as dimensões que esses conhecimentos histórica, social e culturalmente sistematizados comportam (SOARES, 1996); c) a escola e a EF não permanecem incólumes às relações produzidas na sociedade - na perspectiva da reprodução destas relações e/ou da produção de novas relações; d)

1 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), myllenacamargo22@gmail.com

3 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mm.edufisica@yahoo.com.br

dentre estas relações, destacamos as de gênero, nas quais, devido a construções sociais diferentes quanto ao masculino e feminino, ocorrem conflitos marcados por desigualdades e discriminações; e) as correntes teóricas que contribuíam para a naturalização da opressão e subordinação das mulheres tinham bases na biologia a partir do determinismo e fundacionalismo biológico (PISCITELLI, 2002); f) a partir da década 1980, as teorias sociais manifestam maior preocupação com a temática e o conceito de gênero é elaborado (PISCITELLI, 2002).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

No quadro a seguir apresentamos as publicações selecionadas:

Título	Autores/as	Revista	Ano
EF, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica	Chan-Vianna, Moura e Mourão	Movimento	2010
EF escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes	Jesus e Devidé	Movimento	2006
Apresentação e análise de trabalhos acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de EF escolar	Jesus, Devidé e Votré	Movimento	2008
Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de EF	Duarte e Mourão	Movimento	2007
Discussão de gênero nas aulas de EF: uma revisão sistemática	Matos et. al	Motrivivência	2016
Marcas de gênero na EF escolar: a separação de meninos e meninas em foco	Dornelles	Motrivivência	2011
Formação continuada do professor de EF e a construção de práticas pedagógicas multiculturalmente orientadas	Gomes	Motrivivência	2008
EF escolar: reflexões sobre as aulas de exclusão	Teixeira	Motrivivência	2009
As masculinidades produzidas nas aulas de EF: percepções docentes	Silva e Cesar	Motrivivência	2012
EF escolar e representações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula	Uchoga e Altmann	RBCE	2016

Quadro 1 - Artigos Científicos selecionados para análise
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na Revista Movimento selecionamos 4 artigos; na Revista Motrivivência, 5 artigos e; na RBCE, 1 artigo; e, na Revista Pensar a Prática, não encontramos nenhum artigo.

Observamos que os 10 artigos foram publicados a partir de 2006. Esta é uma primeira tendência da produção científica: um aumento do interesse de investigação na área no último período.

SEXISMO E GÊNERO

Constatamos que Jesus e Devidé (2006), Duarte e Mourão (2007) e Teixeira (2009) conceituam gênero e nenhum conceitua sexismo. A abordagem da

problemática gênero e sexismo nas aulas de EF não está, em geral, acompanhada de uma explicação conceitual sobre a compreensão dos/as autores/as sobre estes temas.

Os artigos analisados informam-nos sobre as duas tendências ligadas à separação de meninos e meninas nas aulas de EF: a biológica (para justificá-la) e a histórica e social (para questioná-la e propor sua superação). Estes criticam a tendência biológica e, apesar de não definirem gênero e sexismo, fundam-se em uma perspectiva social para tratar do tema, o que é evidenciado na relação entre gênero e sexismo com o contexto social e cultural.

SEXISMOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Oito artigos identificam a separação entre meninos e meninas como uma problemática presente em aulas de EF.

Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010) apontam que o sexismo é reforçado pelas aulas esportivizadas e reivindicam que este seja analisado no interior das relações de poder e situado nas questões de gênero.

Jesus e Devide (2006) constatarem que as representações sociais dos discentes sobre as aulas separadas entre meninos e meninas são maior homogeneidade, menor violência, ênfase no rendimento motor, etc. Por outro lado, as representações sociais sobre aulas mistas são de ordem negativa (violência, organização negativa da aula, etc.). Ainda, que há ausência de postura co-educativa por parte dos docentes em aulas de EF mistas.

Jesus, Devide e Votre (2008) destacam que Ferreira (1996) evidencia que a EF é sexista, pois, ao separar em meninos e meninas, proporciona atividades em que um grupo é mais privilegiado que outro. Entretanto, os autores defendem a “não polarização das turmas” entre aulas com turmas mistas e aulas separadas por sexo.

Duarte e Mourão (2007) evidenciam que oportunidades desiguais no cotidiano da EF escolar desencadeiam discriminações fundadas na excelência da habilidade técnica esportiva, em geral alcançadas pelos meninos. As meninas, alijadas deste perfil técnico, mantêm-se excluídas mesmo em aulas mistas.

Matos *et al.* (2016), em uma revisão sistemática, constatarem que a separação entre os sexos nas aulas de EF é fenômeno histórico e cultural. Destacam que a evasão das meninas do esporte é recorrente. Dornelles (2011) explica que a aulas de EF naturalizam modos de ser menino e de ser menina marcados por hierarquias e desigualdades, o que é produzido culturalmente.

Uchoga e Altmann (2016) destacam a naturalização das desigualdades de participação nas práticas corporais entre meninos e meninas nas aulas de EF. As autoras apontam que estas desigualdades mantêm-se, mesmo sem amparo legal, e se apoiam em concepções generalizadas de corpo e habilidades físicas, que consideram discursivamente as meninas como menos hábeis.

Silva e Cesar (2012) destacam em seu estudo que os professores entrevistados reconhecem as aulas de EF como produtoras de corpos generificados e, muitas vezes, mostram-se críticos a esta produção. Teixeira (2009) evidencia a existência de relações de gênero com hierarquização do sexo masculino – um dos fatores que levam ao fenômeno da exclusão em aulas de Educação Física.

PROPOSIÇÃO

Buscamos, nesta categoria, identificar as proposições concretas para a superação das discriminações e desigualdades, denominadas sexistas, nas aulas de EF apresentadas nos artigos analisados. Constatamos que 5 trabalhos apresentam proposições.

Jesus, Deive e Votre (2008) defendem que a “não polarização das turmas”, objetivando “um melhor aproveitamento dos potenciais do trabalho com turmas mistas e separadas por sexo” (p. 95).

Por outro lado, a co-educação é indicada como proposição para combater o sexismo por Jesus e Deive (2006), Jesus, Deive e Votre (2008) e Teixeira (2009). Teixeira (2009, p. 341) complementa que “favorecer a troca de experiências e estratégias de execução, como a co-educação, em que os mais hábeis auxiliam na aprendizagem dos menos hábeis, são alguns caminhos.”

Em outra perspectiva, Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010) propõe a utilização de turmas mistas. Duarte e Mourão (2007), todavia, argumentam que esta organização ainda mantém desigualdades entre meninas e meninos. Uchoga e Altmann (2016, p. 167) afirmam que “estar presente na atividade de aula não foi sinônimo de envolvimento, nem de participação igualitária”.

Uchoga e Altmann (2016), Matos *et al.* (2016) e Duarte e Mourão (2007) consideram que os/as docentes são os grandes responsáveis por encontrar estratégias que superem esta discriminação e desigualdades. Dornelles (2011) e Silva e Cesar (2012), por sua vez, concentram-se na análise do sexismo sem apresentar proposições.

CONCLUSÕES

A temática referente a gênero e sexismo em aulas de EF é uma preocupação recorrente em nossa área e isto se expressa na ampliação de publicações a partir de 2006.

A maioria dos trabalhos analisados não conceituam sexismo e concentram-se na exposição das discriminações e desigualdades presentes nas aulas de EF. A categoria gênero é definida com base em uma perspectiva histórica e social.

Para a superação do sexismo em aulas de EF, são propostas aulas mistas e a coeducação, além do destaque conferido aos/às docentes na proposição de estratégias. As possibilidades de intervenção voltam-se para o âmbito da aula, da EF. Todavia, o sexismo necessita ser enfrentado nos planos micro (contexto da aula de EF) e macro (sociedade).

Analisamos que a produção científica sobre o tema precisa incorporar à descrição da expressão do sexismo nas aulas de EF e à apresentação de princípios gerais, a análise de experiências e proposições concretas que sirvam de subsídio para o seu enfrentamento.

SEXISM IN THE CLASSES OF PHYSICAL EDUCATION: ANALYSIS FROM THE SCIENTIFIC PRODUCTION IN THIS AREA

ABSTRACT: We aim to recognize tendencies in scientific production available in four Physical Education journals on themes of the sexism and the gender relations in Physical Education classes. We found 92 articles, from this amount we selected 10, analyzed by using the technique of content analysis. The results point to the increase in scientific production concerning to this subject and the recognition of the problem of sexism in PE classes. However, few articles present propositions for concrete changes.

KEY WORDS: School physical education; Sexism; Co-education.

SEXISMO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA: ANÁLISIS A PARTIR DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA

RESUMEN: *Objetivamos reconocer las tendencias de la producción científica disponible en cuatro periódicos científicos de la Educación Física acerca de los temas del sexismo y de las relaciones de género en clases de Educación Física. Hemos encontrado 92 artículos, de los cuales hemos seleccionado 10 para analizar por medio de la técnica de análisis de contenido. Los resultados apuntan hacia el aumento de la producción científica acerca del tema y en el reconocimiento de problema del sexismo en las clases de EF. Todavía pocos artículos presentan proposiciones para cambios concretos.*

PALABRAS CLAVE: *Educación Física Escolar; Sexismo; Coeducación.*

REFERÊNCIAS

- CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L.; MOURÃO, L. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 147-167, abr./jun. 2010.
- DORNELLES, P. G. Marcas de gênero na Educação Física escolar: a separação de meninos e meninas em foco. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 37, p. 12-29, dez. 2011.
- DUARTE, C. P.; MOURÃO, L. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 37-56, jan./abr. 2007.
- FERREIRA, J. L. **As relações de gênero nas aulas de Educação Física**: um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande. 1996. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPB, João Pessoa, 1996.
- GOMES, R. Análise e Interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JESUS, M. L. de; DEVIDE, F. P. Educação Física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, set./dez. 2006.
- JESUS, M. L. de; DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. Apresentação e análise de trabalhos acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 83-98, mai./ago. 2008.
- MATOS, N. da Rocha *et al.* Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 261-277, mai. 2016.
- PISCITELLI, A. Re-criando a (categoria) Mulher? In: ANGRANTI, L. (org). **A prática feminista e o conceito de gênero**: textos didáticos. Campinas: IFCH/Unicamp, n. 48, p. 7-42, 2002.
- SILVA, M. M. e; CESAR, M. R. de A. As masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física: percepções docentes. **Motrivivência**, Florianópolis, a. XXIV, n. 39, p. 101-112, dez. 2012.
- SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, sup. 2, p. 6-12, 1996.
- TEIXEIRA, F. A. Educação Física escolar: reflexões sobre as aulas de exclusão. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 32/33, p. 335-343, jun/dez. 2009.
- UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Educação Física escolar e relações de gênero. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, local, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.